

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE FILOSÓFICA PELA RELAÇÃO COM O OUTRO: A EXPERIÊNCIA DO TEATRO COMO MATÉRIA ESTRANGEIRA

LORENZO AGUIAR DE MENDONÇA BARROS¹; VICTOR PORTO BURGUEZ²;
PEDRO GABRIEL OSCHIRO DE JESUS³;

EDUARDO FERREIRA DAS NEVES FILHO⁴:

¹*Universidade Federal de Pelotas – lorenzoamb@hotmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – porto.victorb@gmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – pedrojesusbq@gmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas – eduardofnfilho@yahoo.com.br*

1. INTRODUÇÃO

A filosofia, desde seus primórdios, abrigou em si a ambição de totalizar. Não apenas o outro — o outro homem, o outro povo, o outro tempo — mas também tudo aquilo que não é ela: os outros saberes e as ciências. Nessa tarefa, arrogou-se o lugar de discurso soberano, tribunal do real. Seria essa, contudo, a sua essência? Ou apenas um sintoma de sua história? Muitos tentaram reinventá-la — como análise conceitual, como fenomenologia, como crítica. Mas hoje, encerrada no currículo das universidades, tornou-se disciplina entre outras, sujeita ao método, à prova, ao protocolo. Eis o paradoxo: como ensinar aquilo que resiste à fixação?

Yves Schwartz nos lembra que toda matéria se renova em seu fazer, e nos apresenta a noção de matéria estrangeira: aquela que não se deixa reduzir por discursos externos, exigindo que o pensamento se envolva com sua prática. Schwartz, tratando sobre o Trabalho enquanto matéria estrangeira, explica:

“Matéria estrangeira no sentido em que o trabalho renovaria em permanência sua exterioridade, seu caráter estrangeiro em relação à cultura dos filósofos; no sentido em que tudo o que estes poderiam ter se apropriado do trabalho como ‘objeto’ de estudo não os dispensaria de nenhuma forma de se tornar disponíveis com uma certa humildade e desconforto, para se colocar em aprendizagem junto aos homens e mulheres trabalhando, e tentar assim compreender o que acontece e se repete de modo conceitualmente não antecipável, até enigmático, nas situações do trabalho” (SCHWARTZ, 2008, p. 24).

Já Emmanuel Lévinas propõe que o eu não é substância, mas relação — com o absolutamente Outro, que se revela no rosto do outrem.

O rosto está presente na sua recusa de ser conteúdo. Neste sentido, não poderá ser compreendido, isto é, englobado. Nem visto, nem tocado — porque, na sensação visual ou táctil, a identidade do eu implica a alteridade do objecto que precisamente se torna conteúdo. (LÉVINAS, 1980, p. 173).

Seria possível pensar que, diante da filosofia, o absolutamente Outro não seja o outro homem, mas a própria Matéria Estrangeira? Aquilo que resiste à redução filosófica, que interpela a filosofia e a força a se rever — não seria isso

que define, de fato, sua vocação? Talvez a filosofia só seja filosofia quando se põe em relação, quando renuncia à totalidade e escuta aquilo que a excede.

Tendo em vista esse possível modo de pensar a identidade da filosofia — não por uma essência fixa, mas por sua relação com aquilo que a interpela —, o presente resumo propõe uma análise, que não visa esgotar, mas que nos leva a pensar as possibilidades de uma tal feita, da oficina organizada e desenvolvida pelo Curso de Teatro – Licenciatura (UFPel) junto aos discentes do PIBID de Filosofia – Licenciatura (UFPel). Trata-se de uma experiência de contato entre saberes distintos, na qual a filosofia é convocada a sair de sua poltrona e a escutar o apelo de uma prática outra — talvez, justamente, o rosto da matéria estrangeira.

Neste método, o imprescindível é o encontro com o Outrem, aqui entendido como a matéria estrangeira — no nosso caso, o Teatro. Num segundo momento, o interpelo apresentado por essa matéria se realiza por meio de práticas como os jogos teatrais, os exercícios vocais e de expressão corporal e as experimentações de improvisação — conforme descrito no Plano de Oficina desenvolvido pelo curso de Teatro.

Essas práticas desestabilizam o filósofo enraizado no filosofar da filosofia. No desconforto, na ausência do *si-mesmo-filosófico*, vive-se uma espécie de evasão (conceito levinasiano): não se está mais no lugar de onde se partiu, mas tampouco já se chegou a outro. É nesse *entre-lugar*, na experiência de perda e deslocamento, que pode surgir — ao se olhar para trás — a imagem refletida daquilo que se foi.

Na negação daquilo que se é, espelha-se, no desejo de retorno ao que se era, uma espécie de identidade negativa: o filósofo reconhece o que é pela ausência do que deixou de ser. Esse retorno, ainda que forçado, marcado pela vontade de recuperar o chão perdido, produz uma torção fecunda: ao tentar voltar à filosofia, o filósofo começa a filosofar sobre o teatro.

Mas nesse contato, percebe que a atitude de pensar não vem apenas do teatro como interpelação, mas de algo mais profundo: de sua própria natureza de filosofar. Não é o teatro que filosofa, nem o filósofo que se torna outro — mas é o próprio gesto de filosofar que ressurge, agora transformado pela alteridade.

2. ATIVIDADES REALIZADAS

Como visto, foi ofertada ao PIBID de Filosofia uma Oficina conduzida pelo PIBID do curso de Teatro, cujo objetivo era: “introduzir a linguagem teatral, trabalhar com diferentes dinâmicas teatrais e estimular a corporeidade”.

Em resposta a essa primeira interpelação, nós, do PIBID de Filosofia, propusemos uma Oficina que buscava apresentar aquilo que, a partir da relação com o Outro, reconhecemos como próprio da nossa identidade filosófica: a lógica, tanto em sua vertente formal quanto informal.

Para isso, mobilizamos materiais, autores e conceitos que identificamos como constitutivos do nosso modo de filosofar — elementos que, ao serem trazidos à superfície nessa relação com o teatro, deixaram de ser apenas conteúdo disciplinar e passaram a operar como marcas provisórias de uma

identidade em ato. Ao apresentar a oficina para o PIBID do Curso de Teatro, o método pode ser aplicado de modo reverso.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do encontro com o Teatro, delineamos com mais nitidez aquilo que não somos — e, justamente por isso, fomos conduzidos a pensar o que, afinal, podemos ser enquanto filosofia.

Com o contato com esse Outro — o Teatro, em sua corporeidade, em sua linguagem própria, em sua performatividade —, experienciamos um movimento fundamental: reconhecer aquilo que não se é, para então vislumbrar, ainda que de modo provisório e relacional, aquilo que se é. Ou, ao menos, aquilo que se está sendo. O primeiro resultado importante foi a desestabilização do lugar tradicional da filosofia. O corpo em movimento, a voz projetada, o improviso e o jogo revelaram-se como dispositivos que interrompem a segurança puramente racional do filósofo. Essa desestabilização gerou um desconforto produtivo, um intervalo necessário para que a filosofia não se reafirmasse pela negação do Outro, mas se reconstruísse a partir da interpelação.

O segundo resultado foi o reconhecimento da lógica — formal e informal — como elemento estruturante da identidade filosófica em ato. Ao buscar responder ao apelo do teatro, apresentando aquilo que sentimos como próprio, o gesto filosófico revelou-se não como imposição, mas como resposta. A lógica, nesse contexto, não foi apenas conteúdo, mas estrutura de relação: ela organizou o pensamento diante do caos criativo provocado pelo encontro.

Essa experiência mostra que a filosofia não precisa se definir por oposição ou fechamento, mas pode encontrar formas de autodefinição a partir da alteridade. A oficina não apenas aproximou duas licenciaturas que raramente dialogam, mas apontou para uma concepção ampliada de formação docente: uma filosofia em relação, situada e afetável, capaz de reconhecer outras linguagens como fontes legítimas de pensamento.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- LÉVINAS, Emmanuel. **Totalidade e Infinito**. Lisboa – Portugal: Edições 70, 1980.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Ética e Infinito**. Lisboa – Portugal: Edições 70, 1982.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Violência do Rosto**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.
- LÉVINAS, Emmanuel. **Entre Nós: Ensaios sobre a Alteridade**. Rio de Janeiro: Editora Vozes Itda, 2004.
- RIPANTI, Graziano. Introdução. In: LÉVINAS, Emmanuel. **Violência do Rosto**. São Paulo: Edições Loyola, 2014. p. 7 – 24.
- SEBBAH, François-David. **Lévinas**. São Paulo: Estação Liberdade, 2009.

SCHWARTZ, Yves. **O trabalho em uma perspectiva filosófica**. In: IZUKI, N. (Org.) Educação e Trabalho: trabalhar, aprender, saber. Campinas: Mercado de Letras; Cuiabá, Editora da UFMT, 2008. p. 23-46.

SCHWARTZ, Yves. **A comunidade científica ampliada e o regime de produção de saberes**. Trabalho & Educação, n. 7., p. 38–46, 2013.

SCHWARTZ, Yves. **Disciplina epistêmica disciplina ergológica: paideia e politeia**. Pro-Posições, Campinas, SP, v. 13, n. 1, p. 126–149, 2016.

SCHWARTZ, Yves. **Qual sujeito para qual experiência ?**. Tempus– Actas de Saúde Coletiva, [S. l.], v. 5, n. 1, p. Pág. 55–67, 2011. DOI: 10.18569/tempus.v5i1.916. Disponível em: <https://www.tempusactas.unb.br/index.php/tempus/article/view/916>. Acesso em: 31 jul. 2025.

TRINQUET, Pierre. **Trabalho e educação: o método ergológico**. Revista HISTEDBR On-line, v. 10, n. 38e, p. 93-113, 2010